

# ANTROPOLOGIA PORTUGUESA



Neste número

*Informação Bibliográfica*  
*Trabalhos publicados*  
*em 1991*

Vol.9/10  
1991-1992

---

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## Women of the Praia Work and Lives in a Portuguese Coastal Community

Sally Cole

Princeton: Princeton University Press, 1991, 189p.

Baseado essencialmente em histórias de vida, *Women of the Praia* é um estudo da vida e atitudes das mulheres do sector piscatório da freguesia de Vila Chã, em Vila do Conde. O livro era há muito esperado, pois vem preencher um importante vazio na etnografia do noroeste peninsular: a saber, a vida dos *pobres* (pessoas que não têm acesso à terra) nas zonas costeiras.

Trata-se de um estudo cuidadosamente investigado e teoricamente bem informado, escrito segundo os padrões narrativos clássicos da etnografia europeísta anglo-americana. O seu interesse é ainda aumentado pelo facto de lidar com uma situação social em que as mulheres são particularmente consideradas, tanto na esfera pública como privada. A matrifocalidade e uxorilateralidade<sup>(1)</sup> características da vida familiar minhota, com as quais estávamos já familiarizados (cf. Cailler-Boisvert, 1966; Pina Cabral 1984), são aqui consideravelmente enfatizadas. Segundo a autora esta é mesmo uma das poucas, senão a única comunidade piscatória da Península Ibérica, em que as mulheres são *pescadeiras* chegando mesmo a possuir barco e carta de arrais.

O livro merece particular louvor em três aspectos. Em primeiro lugar, a forma inovativa e esclarecedora como se estudam os processos de socialização de mulheres em contextos de desvantagem social acentuada, em que a sobrevivência depende estritamente do trabalho manual intenso. Em segundo lugar, a leitura e adaptação que é feita das correntes teóricas recentes relativas à construção social (que a autora prefere a «cultural») dos géneros. Esta vantagem, no entanto, é parcialmente diminuída pelo facto da obra lidar exclusivamente com o género feminino — desta forma negando na sua apresentação de dados etnográficos as próprias afirmações teóricas no sentido de que a identidade de género é sempre relacional. Em terceiro lugar, o estudo

---

<sup>(1)</sup>. Cole prefere o termo *woman-centered households*.

do processo que, a partir dos meados dos anos '60', transfere a dependência económica da população sem terra das zonas costeiras, das actividades piscatórias e do trabalho à *jorna* para um crescente envolvimento como operários (e particularmente operárias) nas novas indústrias da região. Apesar da notável melhoria de nível de vida, a que a autora se refere, o livro demonstra incontornavelmente que, nas zonas rurais minhotas, as mulheres que não têm acesso à terra continuam a ser mal pagas e sujeitas a uma carga de trabalho excessiva.

A evidência que presentemente possuímos sugere que, no Minho, o aparecimento de um grupo social claramente identificado como os *pobres* parece estar associado às crises demográficas e económicas que se iniciaram nas últimas décadas do século passado. Nas zonas costeiras, o livre acesso aos recursos marítimos deu origem a núcleos habitacionais ligados à pesca artesanal costeira. Nas zonas interiores, havia lugares e freguesias onde se congregavam mais pobres, mas a grande maioria desta população sem terra tendia a ser muito móvel, não se fixando permanentemente. Nas zonas interiores minhotas, o abandono rural característico da forte emigração dos anos '60' e '70' e a melhoria do nível de vida resultante do surto de desenvolvimento dos anos '80', resultaram numa tendência ao desaparecimento dos *pobres* enquanto a camada social emicamente identificável.

Nas aldeias piscatórias, porém, onde eles controlam um recurso económico que, apesar de todas as dificuldades com que se defrontam, continua ainda hoje a ser importante, eles sobreviveram com todas as características de uma sub-comunidade. Assim, os pescadores continuam ainda a diferenciar-se dos camponeses que controlam a terra e o tradicional antagonismo entre os dois grupos, pelo que nos afirma Sally Cole, terá mesmo sobrevivido às radicais mudanças das últimas décadas.

Uma das características dominantes da etnografia portuguesa que se situa no prolongamento do estudo pioneiro de José Cutileiro (1977) tem sido uma preocupação na identificação dos processos sociais e culturais que acompanham a pobreza rural. No norte de Portugal, em particular, os estudos mais recentes desta corrente etnográfica, têm dedicado considerável atenção aos processos pelos quais a propriedade ou ausência de propriedade da terra está associada a valores culturais e à organização familiar — nomeadamente através do estudo do significado sociocultural da ilegitimidade (Pina Cabral, 1984; 1989; Brettell, 1986). Apesar do estudo que aqui apresentamos se integrar claramente dentro desta linha de problematização, temos que reconhecer que, infelizmente, o tratamento que a autora faz dos processos de hegemonia cultural (e particularmente no que se refere aos aspectos simbólicos) é o calcanhar de Aquiles do seu valioso estudo.

Em Vila Chã, tal como noutras zonas do Alto Minho, as estratégias matrimoniais dos camponeses com terra, cuja finalidade era a reprodução de casas agrícolas viáveis, força necessariamente os camponeses sem terra a casarem-se entre si ou, nos casos de maior pobreza, a abdicarem por completo do matrimónio formal, reproduzindo-se «ilegitimamente» (Pina Cabral, 1989: 81-91). Devido à sua incapacidade de controlar os recursos económicos e simbólicos necessários para a instituição da dominação doméstica masculina, os homens sem terra encontravam-se

numa posição marginal por relação à vida familiar. Apesar do que Cole chama «o ideal igualitário das relações conjugais», o papel doméstico dos homens nestas comunidades desprivilegiadas assumia frequentemente um aspecto de subordinação. Nos casos de ilegitimidade, está claro, eles eram pura e simplesmente excluídos de qualquer participação no processo de reprodução social.

Como tal, os homens e as mulheres pobres, encontravam-se numa situação de desvantagem simbólica. No processo de construção dos seus egos<sup>(2)</sup>, eles eram confrontados particularmente com dois tipos de estigma: por um lado, numa cultura como a portuguesa em que o trabalho manual árduo é valorizado negativamente<sup>(3)</sup>, a necessidade que tinham de recorrer a empregos desta natureza para ganhar a vida era uma fonte de conflito pessoal; por outro lado, a sua incapacidade de corresponder aos modelos dominantes de reprodução social era igualmente uma fonte de desprestígio. Tais pessoas vêm-se confrontadas com uma enorme necessidade de construir discursos de valorização pessoal que, pelo menos parcialmente, contrariem as desvantagens simbólicas que acabámos de identificar.

Contudo, estes discursos assumem sempre um certo aspecto de contradição, porque as pessoas nestas sub-comunidades só raramente estão em condições de construir um sistema de valoração cultural radicalmente alternativo — elas continuam, portanto, sujeitas ao impacto dos valores hegemónicos da sua cultura. A autora é forçada a reconhecer este facto, para o que recorre à noção de que «as mulheres marítimas [possuem] uma consciência fragmentada» (p. 102). Na verdade, por um lado, estas mulheres apercebem-se distintamente de que a sua identificação com a pobreza, o trabalho manual árduo e a ilegitimidade lhes rebaixam o estatuto social pessoal; por outro lado, porém, elas consideram como um grande valor pessoal terem conseguido sobreviver e terem mesmo conseguido criar uma família em contextos sociais e económicos tão difíceis. Será que isto implica que elas têm um «consciência fragmentada»? Não é essa a conclusão que eu retiraria.

De facto, na minha opinião, a autora não consegue suportar satisfatoriamente a sua tese de que as mulheres *pescadeiras* de Vila Chã constroem «uma cultura de resistência contra-hegemónica» (p. 98). Cole atribui intenções políticas, marcadas por um feminismo radical, a mulheres cuja resistência — na medida em que ela não foi simplesmente a resultante da necessidade de sobrevivência em contextos de desvantagem social acentuada — nunca foi assumida conscientemente. A prontidão com que elas estão dispostas a abandonar a sua posição de género relativamente

---

<sup>(2)</sup>. O termo inglês *self*, que não é facilmente traduzível para Português, seria aqui talvez mais adequado para veicular a noção de que cada agente social é consciente da continuação temporal da sua própria identidade. Essa identidade, porém, não pode ser considerada como um processo espontâneo e pré-cultural, já que ela envolve um investimento reflexivo e, portanto, valorativo.

<sup>(3)</sup>. A preocupação talvez um pouco repetitiva da autora em insistir sobre o grande valor que ela e as suas investigadas atribuem ao trabalho manual tende a não reconhecer que estamos perante uma sociedade onde a ética protestante do trabalho nunca foi dominante.

privilegiado logo que atingem alguma melhoria de nível de vida, é clara evidência deste facto<sup>(4)</sup> — a distinção entre gerações que a autora preconiza tem, neste aspecto, algo de artificial.

Por forma a situar esta sua interpretação, a autora cria uma visão altamente bipolarizada da cultura regional, agrupando de um lado os camponeses com terra, as classes médias urbanas e a ideologia do Estado Novo e, do outro, as mulheres *pescadeiras* de Vila Chã. É assim levada a afirmar, por exemplo, que as mulheres camponesas não trabalham nos campos, ficando fechadas em casa (e.g. p. 103) — o que, claramente, não corresponde aos factos há muito reconhecidos pela etnografia da região (Cailler-Boisvert, 1966; Pina Cabral, 1989: 111-114). Da mesma maneira, ao falar da posição central que as mulheres da comunidade piscatória têm na vida familiar, parece esquecer-se de que se trata de um traço cultural característico de toda a região (mesmo das famílias das classes médias urbanas (Pina Cabral, 1991).

Este é, sem dúvida, o tema sobre o qual a minha posição pessoal se distancia mais marcadamente da de Sally Cole. No entanto, a forma como a autora caracteriza a nossa divergência é surpreendente, já que pessoalmente estou convencido que concordamos sobre o facto de que «a percepção da sexualidade feminina como sendo 'antisocial' e 'perigosa' é uma construção social» (p. 83)<sup>(5)</sup>. Pelo contrário, penso que a nossa divergência tem uma raiz metodológica.

A dependência quase exclusiva da metodologia da história de vida na recolha de material etnográfico leva, necessariamente, o investigador a confrontar-se com os discursos legitimadores que as pessoas constroem sobre as suas próprias vidas. A visão do etnógrafo será tanto mais enviesada quanto mais ele ou ela se limitar a um sector limitado da população. Como afirma Bourdieu (1986:69) a propósito da *ilusão biográfica*, «Cette inclination à se faire l'idéologue de sa propre vie en sélectionnant, en fonction d'une intention globale, certains événements *significatifs* et en établissant entre eux des connexions propres à leur donner cohérence, comme celles qu'implique leur institution en tant que causes ou, plus souvent, en tant que fins, trouve la complicité naturelle du biographe<sup>(6)</sup> que tout, à commencer par ses dispositions de professionnel de l'interprétation, porte à accepter cette création artificielle de sens».

Assim, o envolvimento que as pessoas estudadas têm com esses aspectos da cultura que levantam maiores dificuldades ao processo de constituição das suas imagens de valorização pessoal surge ao investigador como sendo contraditório. Por conseguinte, o etnógrafo vê-se obrigado a considerar que as consciências destas

---

<sup>(4)</sup>. Cf. os diferentes tratamentos desta questão. In Pina-Cabral, 1984; Cole 144-150.

<sup>(5)</sup>. É para mim estranho que a autora pense que eu considero que «a sexualidade feminina é naturalmente 'antisocial' e 'perigosa'» (p. 83). Esta interpretação depende de um infeliz trocadilho sobre a palavra «natural».

<sup>(6)</sup>. Para Bourdieu *biographe*, neste contexto, é a pessoa que colecciona, edita e publica histórias de vida.

peçoas têm necessariamente de ser «fragmentadas». Para resolver este impasse, Cole é por vezes levada a propôr interpretações francamente improváveis — tal como, por exemplo, a sua noção de que a virgindade não é um foco simbólico relevante para o significado que estas mulheres *pescadeiras* atribuem ao culto da Virgem Maria: «As mulheres de Vila Chã... não identificam a Virgem com a virgindade ou a maternidade. Pelo contrário, elas vêem-na como uma amiga feminina, como uma mulher que percebe a experiência das mulheres» (p. 101).

Ora, como foi já amplamente referido na literatura etnográfica, a virgindade não assume um valor excessivo do ponto de vista prático na sociedade minhota — mais uma vez, não se trata ainda neste caso de uma atitude específica às mulheres *pobres*. Uma taxa relativamente elevada de gravidez pré-matrimonial é uma característica da região de há longa data (Brettell, 1986). Tal, porém, não implica que a virgindade e a maternidade não desempenhem um papel central como símbolos na construção cultural do género e na crença religiosa. A bissecção que domina o texto entre o que as mulheres *pescadeiras* realmente pensam e o que a autora considera ser «ideologia», tende a esconder o facto de que as pessoas interiorizam genuinamente os símbolos religiosos — só assim é que se pode compreender o funcionamento da hegemonia no âmbito do simbólico.

Como melhor exemplificar o meu argumento do que citando a ambígua letra do fado «Amor de Mãe» tornado famoso pela voz de Alfredo Marceneiro?

*Há vários amores na vida,  
Menos como o amor perfeito,  
Mas como alegres crises.  
De tantos que a vida canta,  
Só um adoro e respeito:  
É o santo amor de mãe.*

*Da mulher desventurada  
Nesta vida ninguém fuja  
Se ela acaso filho tem.  
Deixá-la ser desgraçada,  
Porque a desgraça não suja  
O santo afecto de mãe.*

*Minha mãe, amor em prece,  
Eu sinto também viver-lhe  
Esse amor que ainda me invade,  
Que, se mil anos vivesse,  
Não deixaria morrer  
Por ti a minha saudade.*

*Se o prazer, ó Mãe Jesus  
Precisou que uma mulher  
O desse à luz neste mundo  
O amor de mãe é a luz  
Que torna o nosso viver  
Num livro de amor profundo.*

### Bibliografia

- Bourdieu, P. 1986. L'illusion Biographique. In *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*: 62/63: 69-72.
- Brettell, C. 1986. *Men Who Migrate, Women Who Wait: Population and History in a Portuguese Parish*. Princeton: Princeton, University Press. (Edição portuguesa, D. Quixote, Lisboa).

- Cailler-Boisvert, C. 1966. Soajo - Une communauté féminine rurale de l'Alto Minho. *Bulletin des Études Portugaises*, 27: 237-278.
- Cutileiro, J. 1977 [1971]. *Ricos e Pobres no Alentejo*. Lisboa, Sá da Costa.
- Pina Cabral, J. 1984. Female Power and the Inequality of Wealth and Motherhood in Northwestern Portugal. In R. Hirschon (org.). *Women and Property, Women as Property*. London, Croom Helm.
- Pina Cabral, J. 1989 [1986]. *Filhos de Adão, Filhas de Eva: A visão do mundo camponesa do Alto Minho*. Lisboa, Publicações D. Quixote.
- Pina Cabral, J. 1991. *Os Contextos da Antropologia*. Lisboa, Difel.

João de Pina-Cabral  
Março 1991